

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação <b>Fazenda São Fernando</b>	código <b>AIII - FO9 - Val</b>
localização <b>Rodovia RJ-151, 6º distrito, Conservatória</b>	
município <b>Valença</b>  época de construção <b>séc. XIX</b>  detalhamento do estado de conservação <b>no corpo da ficha</b>  uso atual / original <b>residencial e industrial (fabricação de laticínios e aguardente) / faz. de café</b>  proteção existente / proposta <b>nenhuma / tombamento</b>  proprietário <b>particular</b>	<p>fonte: IBGE - Rio Preto</p>

## situação e ambiência

O principal acesso à fazenda São Fernando se dá pela rodovia RJ 151, neste trecho em duas vias com calçamento de terra e praticamente plana. A estrada ocupa o antigo leito da ferrovia, sendo possível avistar, durante o trajeto, várias estações e casas da companhia. O Rio Preto a margeia durante todo o percurso.

Ao chegar a Coronel Cardoso, observa-se que o lugarejo teve sua formação marcada pelo trem, havendo apenas algumas casas e a antiga estação da extinta companhia, hoje funcionando como escola. A Fazenda São Fernando tem forte presença na vida da comunidade, marcando sua conformação urbana, com as vilas de moradores (f.04 e 05) e as construções frontais, onde destacam-se o bloco de dominância horizontal dos laticínios e a casa de força (f.07, 10 e 11). Ambos são posteriores à fase do café, possivelmente da década de 1920 ou 1930.



01



01

coordenador / data equipe histórico / revisão	<b>Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007</b> <b>Mauro Reis e Rita de Fátima</b> <b>Adriano Novaes / Fernando Pozzobom</b>	revisão / data <b>Alberto Taveira - fev 2008</b>
---	--	---

Próxima a estes fica a portada principal da casa-sede (f.73), avistando-se deste ponto um grande platô, onde ficam as instalações da fazenda. Os morros meia laranja marcam o fundo da paisagem, tomados por rala pastagem.

Adentrando ao complexo têm-se, em primeiro plano, um amplo gramado, onde eram os antigos terreiros de café (f.16 a 19 e 75 foto histórica). Seqüencialmente, chega-se às construções, dando o gramado lugar a um lajeado em pedra de mão, comum em terreiros de café, que cobre uma extensa parte dos espaços (f.20 a 23).

De frente para a portada de acesso temos, à direita, a casa-sede, com seus fundos encostados no barranco. O bloco da vila de colonos fica à sua frente, delimitando o pátio frontal. Acredita-se que tenha sido o local das antigas senzalas (f.04, 05 e 57). O prédio atual foi construído sobre porão, em tijolo maciço (f.04 e 49).

À esquerda da casa-sede ficam as demais construções. A mais próxima é a antiga tulha, parte com dois pavimentos, mantendo, ainda, na fachada dos fundos a sua roda d'água (f.37 e 38). Avista-se, à frente da tulha, um longo bloco retangular, de um pavimento, com feições arquitetônicas do século XIX, tendo, inclusive, uma antiga janela gradeada (f.18 e 50).

Finalizando o bloco da tulha fica uma segunda portada, muito parecida com a principal (f.20). Atravessando-a, há outras construções, porém, com sinais de reaproveitamento e com trechos descaracterizados (f.15).

Os ciclos econômicos pelos quais a fazenda passou, obviamente, podem ter mudado sua implantação original. Analisando o sítio, nota-se que a fazenda tinha sua configuração primitiva com o acesso principal voltado para os fundos atuais, pois por ali passa uma estrada para outras propriedades. As marcas estão visíveis na arquitetura da casa-sede, que tem a porta de acesso da capela voltada para este trecho e a sua disposição interna modificada (f.67, ver a descrição arquitetônica).

A chegada da ferrovia, em 1918, foi o principal agente destas transformações que, além de fomentar a criação do núcleo urbano em Coronel Cardoso, fez com que fosse mais interessante alterar o acesso, rebatendo-o para a sua frente. O prédio alinhado ao muro frontal, paralelo ao laticínio, pode ter sido construído ou adaptado para atender a ferrovia (f.08 e 09). Ele tem sistema construtivo do século XIX, com portas voltadas para a estação e a vila. Dentro deste prédio há indícios de uma antiga murada, que pode ser mais antiga que ele, talvez servindo para cercar o pátio primitivo (f.48). Esta murada ainda possui uma parte remanescente na lateral, inclusive com sua portada de acesso (f.12).

As novas instalações do laticínio também ficaram próximas aos trilhos, juntamente com casa de força elas marcam um novo ciclo da fazenda (f.06, 07, 10 e 11).

Atualmente desativada, a usina de energia da fazenda fica num trecho encachoeirado do Rio São Fernando, que passa sinuoso, à direita da área construída, e vai desaguar no Rio Preto (f.02).



04



05



06



09



12



15



20



07



10



13



16



21



23



08



11



14



17



22

A casa-sede fica numa encosta, formando um porão habitável, dando às fachadas frontal e laterais um gabarito de dois pavimentos. Devido à sua longa extensão, prevalece uma massa edificada marcada pelas linhas horizontais. A construção foi feita sobre base de pedra, com gaiola estrutural em madeira – pilares, barrotes, vergas e madres. Mantém muro de contenção em pedra de mão, nos fundos do pavimento inferior (f.58).

Uma varanda contorna toda a fachada frontal e a lateral esquerda, que, além de obstaculizar a visão da sua arquitetura original, agregou-lhe contemporaneidade. Esse avarandado é feito em concreto, sustentado por pilares no térreo e acessado por escadas nas extremidades – ambas em um único lance – sendo uma reta e outra ligeiramente curva (f.57). Diferentemente do térreo, sua parte superior é caracterizada por peças esbeltas, com guarda-corpo de madeira pintado de azul e pilares de seção quadrada na base e sextavada a partir de meia altura (f.24).

Os vãos possuem verga reta em todo o perímetro da casa e as esquadrias apresentam ritmo constante e simetria.

Nas fachadas frontal, dos fundos (exceto a capela) e lateral esquerda, as janelas apresentam cercaduras com pintura nova, na cor azul, folhas cegas de abrir também na cor azul e guilhotinas pintadas de branco (f.29 e 55). Na fachada de fundos e na capela, vergas, umbrais e peitoris possuem pintura desgastada, na cor azul na parte externa, mantendo no interior cor creme, aplicado numa técnica semelhante à uma pátina (f.67 e 65); folhas internas de veneziana, de abrir na cor creme (f.67) e guilhotinas pintadas de branco (f.67)

As portas, na fachada frontal, apresentam cercaduras na cor azul, com folhas de vidro martelado e venezianas também em azul (f.56) e conjugam almofadas no terço inferior, venezianas no meio e postigos com vidros martelados na parte superior. Estas portas foram instaladas no local de antigas janelas, havendo evidências de corte na madeira, na altura do peitoril. Na fachada lateral esquerda, verga e umbrais na cor azul escuro, bem como as folhas cegas em madeira (f.54). No local da porta havia uma janela, conforme mostram evidências de corte na madeira (f.26, 27 e 28). Na capela, no acesso principal e na sacada lateral, cercaduras na cor azul na área externa e no interior pintura em creme, em técnica parecida com a pátina (f.65 e 67). Folhas de abrir, com veneziana e vidros martelados, tendo uma bandeira com as mesmas, a pintura externa e interna segue a mesma descrição das vergas e umbrais.



51



52



53



54

Sua fachada de fundos tem um único pavimento, ao nível da parte residencial, não sendo possível ter uma visão integral do bloco primitivo, devido aos prolongamentos da cozinha e do bloco externo da caixa d'água. Por não ter passado por grandes transformações, manteve parte de sua arquitetura original do século XIX, com piso lajeado, o beiral encachorrado e os pormenores estruturais das esquadrias (f.68 e 71).

Os beirais, nas fachadas frontal e lateral esquerda, são em madeira, num formato que segue a mudança estilística pelo qual a casa passou, havendo duas peças de madeiras planas na cor branca, que são sustentadas por esbeltas peças de madeira, na cor azul, semelhantes a mãos francesas. Na fachada dos fundos o beiral é encachorrado, estando na cor natural da madeira (f.66, 67 e 68).

Percorrendo a casa notam-se os testemunhos das mudanças, talvez motivadas pelo novo ciclo econômico de gado leiteiro, que transferiu seu acesso para a ferrovia, o qual, provavelmente à época de sua construção, ficava voltado para os fundos, conforme ainda é a porta da capela. Percebe-se, através da contenção próxima à calçada (f.70), que a área gramada é um aterro posterior, que buscou criar um pequeno jardim (f.66, 67 e 69). Esta área deve ter ficado, originalmente, no mesmo nível da que existe nos fundos da cozinha (f.71 e 72).

A planta está resolvida num bloco retangular. O térreo aparenta ter sido um porão, pois uma pequena trinca no piso cimentado revela que, por baixo, podem haver tijolos cerâmicos semelhantes aos utilizados em terreiros de café. Hoje, está adaptado para uso residencial. Sua parede de fundos mantém um espaçamento até o muro de pedra, que funciona como depósito da aguardente de cana fabricada na fazenda e se estende além dos limites da casa (f.58).

A parte superior pode ser acessada pelas escadas frontais que existem em cada extremidade, mas é comum subir um rampado aos fundos, que dá acesso a piscina e ao pavimento superior da tulha (f.52), chegando a um portão próximo à porta principal, na sala de visitas/G (f.24 e 54). Esta sala, bem como os quartos J6 e J7, possui forro em madeira que acompanha o caimento do telhado (f.59), modelo comumente encontrado em varandas fechadas de casas rurais. Nota-se também o baixo pé-direito da casa (media de 3,20 metros), fora do padrão utilizado na época.

Foram feitas adaptações para instalação de banheiros e alguns "puxados", todos para os fundos. O principal desses, para uma cozinha, que se abre para um pátio calçado em pedra de mão, muito bem executado, que tem inclusive grelhas para captar as águas pluviais (f.71 e 72).



55



56



57



58

A sala de jantar teve suprimida uma parede (f.60) e a capela ocupa toda sua extremidade direita, com um altar onde se destacam o forro em gamela e sua porta em arco tipo canga-de-boi (f.61 e 63). Passou por uma reforma que lhe tirou as esquadrias primitivas (f.67) e lhe deu uma sacada lateral, em concreto. Como elemento a ser destacado, há forro em gamela, no teto da capela.

### Vila de Colonos

O bloco da vila dos colonos também possui o mesmo sistema construtivo e os mesmos tipos de esquadrias que os da casa-sede, com assoalho em piso de madeira e muro de pedra fazendo a contenção com o pátio dos antigos terreiros de café. Todo acesso para as casas é feito pelo lado direito do terreno (f.04), voltando-se a lateral esquerda para os terrenos individuais.

### Tulha

A tulha funciona atualmente como serraria (f.37) e é acessada tanto pelo térreo quanto pelo platô superior (f.40). Uma das coisas que mais chama a atenção são as evidências de que o pavimento superior foi acrescido, devido ao amplo pano de vidro das janelas superiores e ao reforço das peças de ferro, no encontro dos pilares e vigas (f.39).

A parede inferior da fachada frontal é atualmente em tijolo, denotando mudança de uso ou troca dos antigos materiais. As paredes internas são de pau-a-pique. Além da roda d'água, que fica colada na fachada dos fundos (f.38), existe ainda todo o maquinário que movia as engrenagens, estando os mesmos abaixo do nível do assoalho (f.42 e 43). As condições gerais desta parte do prédio são boas, havendo pequenas trincas e degradação da estrutura de madeira das janelas. Não foram notadas quaisquer patologias que lhe venham a causar um grave dano estrutural.

### Parte frontal e muro

A construção tem características de obra do século XIX, com parede de pau-a-pique e cobertura com técnica construtiva daquela época (f.46). Foram encontrados tijolos cerâmicos em trechos do piso (f.47), semelhantes àqueles utilizados nos terreiros de café (f.75, foto histórica). Este mesmo tijolo foi encontrado abaixo do piso cimentado do pavimento inferior da casa-sede. Resquícios de um antigo muro existem dentro do prédio (f.48), podendo ter sido uma antiga murada, que contornava o pátio interno. Parte da murada ainda existe na lateral, juntamente com uma portada (f. 13).



59



60



61



62



63



64



65



66



68



67



69



70



71



72



73

Não foram localizadas trincas no prédio.

O assoalho em madeira, com junta cega, está em boas condições, como os pisos cerâmicos de banheiros, varandas e cozinha. No pavimento inferior o piso é em cimentado, tipo “vermelhão”. Há, entretanto, uma parte desprendida, demonstrando haver por baixo um piso de tijolos do século XIX.

O forro, em saia e camisa, apresenta estado de envelhecimento. Porém, não foi percebida infestação de cupins nas peças (f.29 a 31, 59, 60 e 63).

O revestimento das paredes externas é feito em massa texturizada, semelhante à aquelas do tipo *mission style*, do primeiro quartel do século XX (f.25 e 67), não tendo sido notada a ocorrência de patologias.

O beiral apresenta boas condições gerais nas peças de madeira e na pintura, assim como as esquadrias (f.26, 54, 55 e 56). Entretanto, as portas de acesso da capela e de sua sacada apresentam os socos e a parte inferior das folhas degradadas, com presença de remendos, popularmente conhecidos como bacalhaus (f. 67). Deve-se ressaltar que um antigo proprietário instalou gradeamento de madeira em diversas janelas dos fundos (f.67).

A casa-sede, em sua parte externa, na região da cozinha, é toda contornada por calçamento em pedra de mão, tendo, inclusive, canaletas de escoamento das águas pluviais (f.70, 71 e 72), não tendo sido notada a ocorrência de patologias.

Não foi notada a ocorrência de patologias na vedação das paredes, que, no pavimento inferior, aparentam evidências de serem em pau-a-pique na parede frontal, tendo na parede dos fundos execução em tijolos maciços (f.35 e 36). Já no pavimento superior (residência), elas são em pau-a-pique, com paredes de tijolo maciço na cozinha, no quarto J8, no banheiro N5 e nas paredes erigidas para a construção dos demais banheiros.

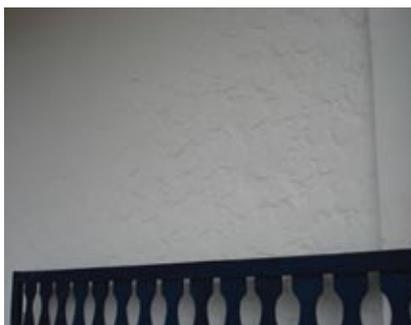
A cobertura é feita em telhas capa e canal, modelo tradicional das fazendas de café, com sete águas. Apresentam desgaste pelo tempo, não tendo sido possível acessar a estrutura da cobertura.

A estrutura de madeira apresenta bom estado, sem a presença de abalos estruturais. Porém, alguns barrotes estavam rachados próximo ao seu ponto de apoio, recebendo novos apoios em peças metálicas (f.32 e 33).

A varanda que circunda a casa tem estrutura de concreto.



24



25



26



27



28



29



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40



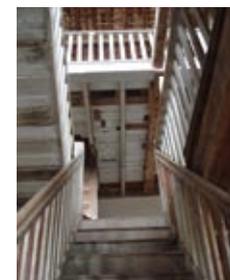
41



42



43



44



45



46



47



48

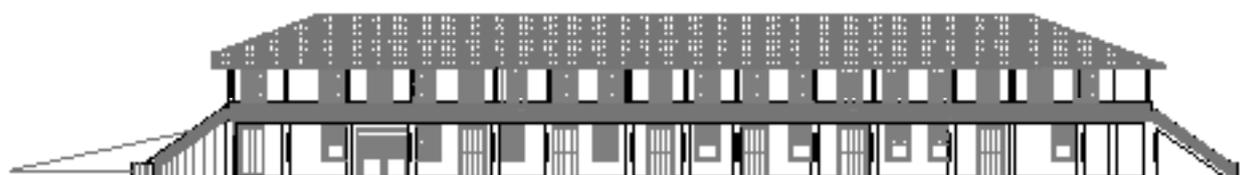


49

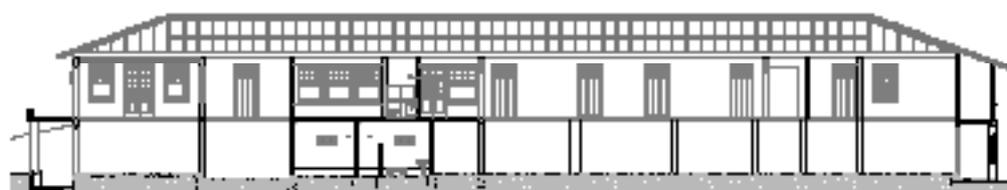


50





1 Fazenda Loboal corte le 1/400



2 Corte le corte le 1/400



1 FAZENDA SÃO FERNANDO Corte le corte le 1/400



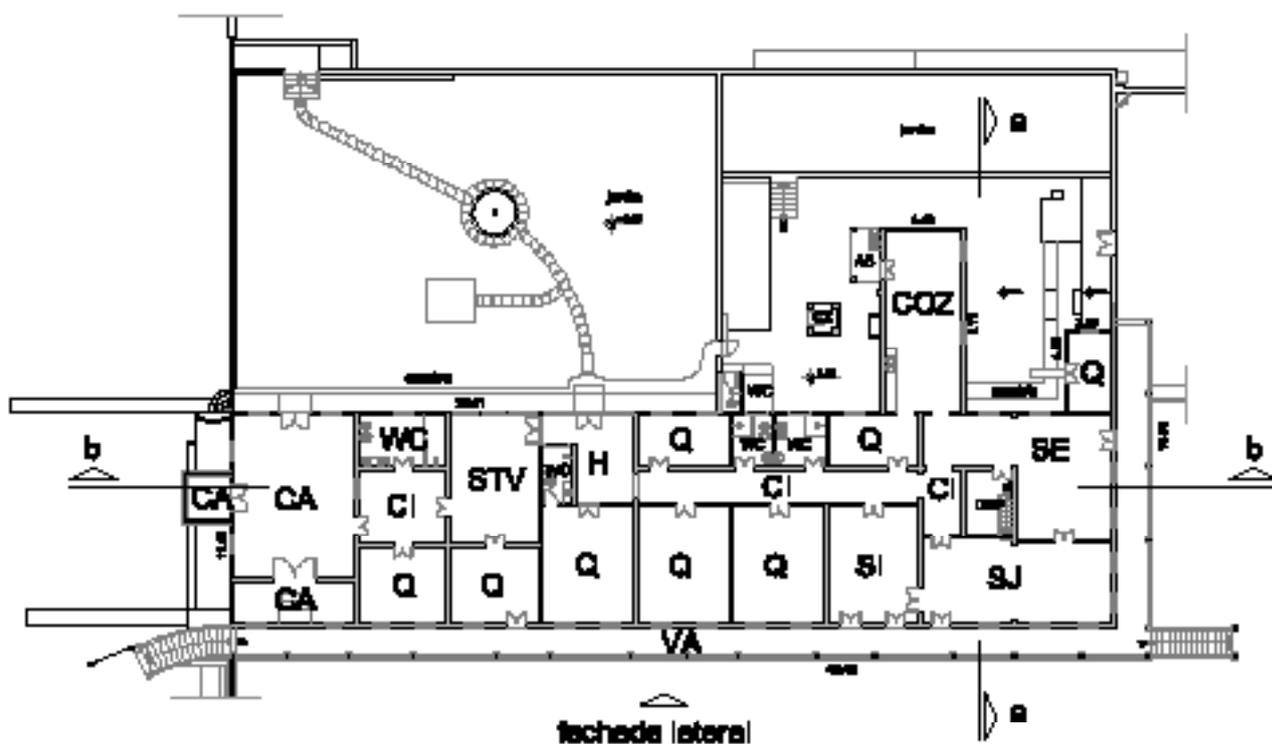
CA - cozinha    COZ - cozinha    DGP - dep. garagem    CL - quarto    BE - sala de estar    SI - sala de jantar    VA - varanda  
 CI - circulação    CC - sala de água    H - hall    BA - banheiro    SJ - sala de jantar    SAJ - sala de jantar    WC - banheiro    AZEVA - área de serviço

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

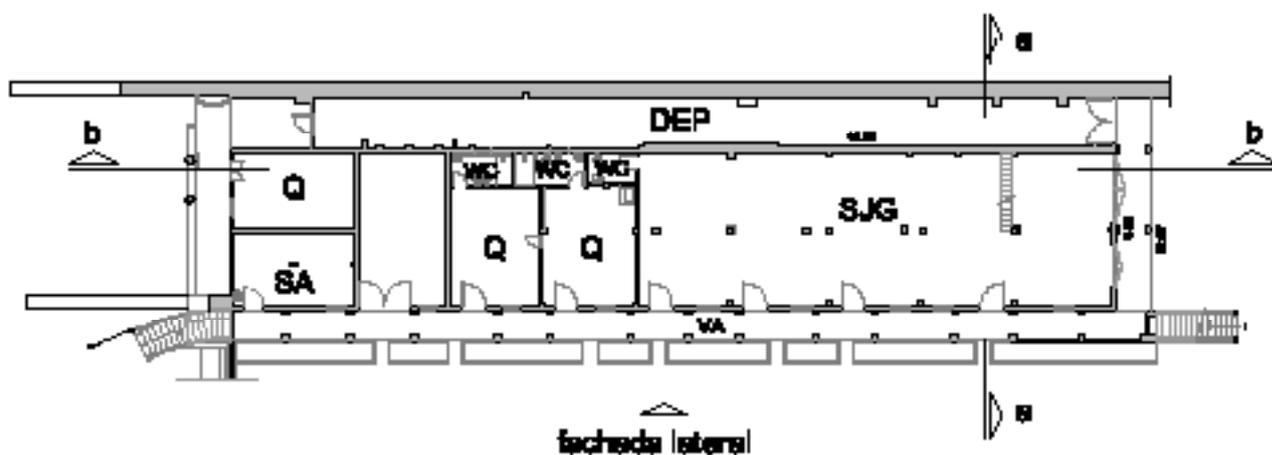
AIII - F00 - Val

3/3

equipe: Auribel Afonso M. da Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	desenho: José Ronaldo Reis Novais	modelo: Françoise Bourquet	data: nov 2007
--	--------------------------------------	-------------------------------	-------------------



2 Planta III - 1o. F00 escala: 1/40



1 FAZENDA SÃO FERNANDO  
Planta III - 1o. F00 escala: 1/40



AB - área de serviço CI - circulação CO - caixa d'água H - hall SA - sala SL - sala de jantar SI - sala lateral abscissa variável  
CA - cageado COZ - cozinha DEP - dep. estampa Q - quarto SE - sala de estar S.M. - sala de jogos VA - varanda WC - sanitário

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F00 - VaI

2/3

arquiteto: Auribai Affonso M. de Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	desenhista: José Ronaldo Reis Novais	arquiteta: Françoise Escourquat	data: nov 2007
--	---	------------------------------------	-------------------

A Fazenda São Fernando teve origem em terras da sesmaria de meia légua em quadra (225 alq.), concedida ao Guarda-Mor Joaquim Diofridio Fortes em 1804, cuja medição foi julgada em 1825. Posteriormente, a sesmaria de São Fernando foi acrescida da sesmaria vizinha, concedida a Francisco Ferreira da Silva, denominada Fazenda São José (225 alq.); e da sesmaria concedida ao Guarda-Mor Antônio Pinto de Souza e Domingos de Souza Fritas (Fazenda da Glória).

Pouco ou quase nada se sabe sobre Joaquim Diofridio, nem tão pouco se explorou suas terras. O que se sabe é que era membro da importante família Fortes Bustamante, senhora de diversas sesmarias na região.

A Fazenda São Fernando foi fundada, provavelmente, na primeira metade do século XIX, por Carlos Teodoro de Souza Fortes e Isabel Henriqueta Fortes (primos de Diofridio).

São Fernando foi uma das maiores e mais bem equipadas fazendas de café da região do Vale do Rio Preto. A unidade de produção de café foi implantada em uma várzea, entre os rios Preto e São Fernando, onde o segundo faz a barra no primeiro.

Por ocasião da morte de D. Isabel Henriqueta, ocorrida em dezembro de 1872, foi realizado o inventário dos bens do casal. Este documento nos revela dados preciosos sobre a realidade da fazenda naquela época, como, por exemplo, as edificações e atividades agrícolas. A fazenda possuía, - além da casa da sede, quatro blocos de senzalas com varanda, tulhas com casas para camaradas voltadas para o rio, uma casa com torre com relógio, paiol de milho, tulhas junto ao hospital para escravos, casas junto ao engenho, três cozinhas para escravos, engenho de beneficiar café com dois engenhos de pilões, tulhas para guardar café beneficiado, terreiro para secar café calçado de pedra, casa com alambique para fabricação de aguardente, moinho de fubá, tenda de ferreiro, varanda para garagem, casas para tropa de mulas, um bicame para levar água aos engenhos, dois armazéns, casa de guardar carneiros e olaria, sendo grande parte dessas edificações cercada por muros de pedra. Um fato interessante é que neste documento não consta nenhum pé-de-café nesta fazenda, indicando que a área próxima à sede da fazenda já estava com os solos esgotados, sendo utilizados nesta época para a produção de cereais. Os cafezais que faziam a riqueza da família estavam na vizinha Fazenda de São José, onde também havia unidade de produção de café. O número de cafezais era de 240 mil pés, trabalhados por 347 negros escravizados.

O casal era senhor, também, da grandiosa Fazenda de Santa Clara, localizada em frente a São Fernando, do outro lado do rio Preto, na província de Minas Gerais, com 115 mil pés de café e mais 348 negros escravizados.

Carlos Teodoro de Souza Fortes foi agraciado, em 1887, com o título de segundo Barão de Santa Clara, mesmo nome da fazenda que havia herdado de sua irmã, a Viscondessa de Monte Verde, em 1867.

Desde que ficou viúvo, em 1872, o Barão de Santa Clara transferiu a administração central de suas fazendas para a Santa Clara. Tinha a fama de ser dado a orgias e de ter dilapidado a fortuna em porções generosas e eleitoreiras. Faleceu com 91 anos de idade e, apesar de ter sido operado, não recuperou a visão. Para conhecer as horas, o representante dos relógios "Pateck Phelipe", no Rio de Janeiro, a conselho do oculista, Dr. Moura Brasil, mandou confeccionar na suíça um relógio, que apesar de ser de bolso, batia os quartos de hora, quando apertado por uma mola.

Não sabemos ainda como o Barão se desfez da fazenda São Fernando, nem tão pouco quem a adquiriu depois dele. Por volta de 1915, a São Fernando foi adquirida pelo empresário de origem portuguesa, coronel Manoel Joaquim Cardoso, que se tornou um dos maiores produtores de café e proprietário de várias fazendas vizinhas, como São Paulo, São José e Capoeirão.

---

Coronel Manoel Joaquim Cardoso era um visionário: empreendeu em São Fernando grandes iniciativas. Os investimentos foram muitos... O café continuou durante muito tempo sendo o principal produto de exportação da fazenda. Porém, dedicou-se também à criação de gado de leite, cujos produtos obtiveram fácil escoamento, através de sua estação ferroviária, inaugurada em 1914, e denominada “Coronel Cardoso”. Outro grande investimento foi a construção de uma usina hidrelétrica no rio São Fernando, inaugurada em 1926 e em funcionamento até os dias atuais. Esta usina também atendia ao sonho do Coronel Cardoso de construir na fazenda uma fábrica de alumínio, que embora concretizada, não logrou sucesso.

Após a crise de 1929, o coronel Cardoso começou a passar por dificuldades. Nessa ocasião, apoiou financeiramente a candidatura do Dr. Júlio Prestes à Presidência da República. No entanto, a revolução de 1930, liderada por Getúlio Vargas, impediu a posse do presidente eleito. Após este baque, o Coronel associa-se ao seu maior comprador, a Companhia Magalhães, constituindo a Companhia Magalhães, Cardoso LTDA. Seis anos mais tarde, em 1935, a fazenda pertencia somente à família Magalhães, que constituiu uma nova sociedade, a Fazendas Reunidas Magmam - FAREMA.



Fazenda São Fernando (Acervo R. Guião)

